

T. 330892

ROCHA MARTINS



# O BICHINHO DE CONTA

Os Grandes Amores de Portugal  
COLEÇÃO HISTÓRIA







201 A.

CONSERVATORIA DA PROPRIEDADE

15. 18777 Y

LITERARIA SCIENTIFICA E ARTISTICA

ROCHA MARTINS

DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS

2 de Fevereiro de 1929

L330892

OS GRANDES AMORES  
DE PORTUGAL

C4  
p. 209  
R 4556

R. P. L.  
4036  
B. 14  
p. 4

BICHINHO DE CONTA

— CAPA ILUSTRADA POR —  
D. RAQUEL GAMEIRO OTTOLINI



6.º Fascículo — 2.º VOLUME

COLECCAO «HISTORIA»  
— RUA DO ALECRIM, 61 —  
LISBOA  
EDICAO DO AUTOR

A 102

# Os Grandes Amores de Portugal

## TITULOS DOS CAPÍTULOS:

- I. — Linda Inês.
- II. — Desvario de Rainha.
- III. — Flôr de Altura.
- IV. — A Amada do Camarêiro.
- V. — O Drama de Vila Viçosa.
- VI. — Relicário de Paixão.
- VII. — «Senhora de Bem Fazer».
- VIII. — Sôror Mariana.
- IX. — Sombra de Rei.
- X. — Madre Paula.
- XI. — Dona Flôr da Murta.
- XII. — O Bichinho de Conta.

# Heróis, Santos e Mártires da Pátria

## TITULOS DOS CAPÍTULOS:

- I. — Rainha Santa.
- II. — O Condestável.
- III. — O Vêdor de Sâgres.
- IV. — Infante Santo.
- V. — Cavaleiro da Morte.
- VI. — O Decepado.
- VII. — A Princesa Santa Joana.
- VIII. — Vasco da Gama.
- IX. — O Grã-capitão.
- X. — D. João de Castro.
- X I. — Camões.
- XII. — O Fantasma de D. Sebastião.

Comp. e impr. na —

Rua do Alecrim, 61

— LISBOA



## PRIMEIRO QUADRO

### O TÚMULO DOS VIVOS

**O** FORTE da Junqueira, um velho edifício, hoje meio derruído, está encoberto, da banda da rua, por casarões, mas apresenta-se, ainda, com seu geito fero, metido na areia para o lado amplo da via férrea; o interior, desprestigiado, é um armazém da Alfândega.

Lembra um velho carcereiro de príncipes que abrisse mercearia.

Outrora, a água, marulhando contra as suas parêdes, enverdecidas e limosas, estalava com fúria nas noites de tempestade, a acordar os prisioneiros que, após o atentado contra D. José I, ali desembarcaram dos botes, entre armas, e fôram, de algêmas nos pulsos, ocupar as prisões que ficavam sob as casas do desembargador, do escrivão, dos carcereiros e da capela, por cima dos subterrâneos, dos antros de tortura e do cemitério, para o qual se arrojaram algumas ossadas, com seus entroncamentos de nobres espinhas dorsais de reis gôdos.



## O BICHINHO DE CONTA

Os que ali entraram, arrancados dos seus palácios, dos saraus, das recâmaras dos Paços, das salas nobres de Belém, do Calvário e de Azeitão, eram os Óbidos e os S. Lourenço, os Alorna e os Ribeira, alguns jesuítas confessores da fidalguia, os magistrados affectos à nobreza e o marquesinho de Gouveia, filho do duque de Aveiro.

Os senhores de véspera eram, então, os escravos e, por isso, no sigilo do Estado, no negrume misterioso da noite, aquêles dezanove cárceres se encheram de fidalgos e de padres, aquelas prisões baffientas, se pejaram de condes, de marqueses e de jesuítas.

Os Távoras, mais visados, após o atentado, bem como o duque de Aveiro, fôram conduzidos à prisão do Pátio dos Bichos, em Belém. Depois retalharam-lhes os corpos, no patíbulo; desconjuntaram-lhes os ossos, reduziram-nos a cinzas e salgaram o chão em que a máquina se erguera. A marquesa velha foi levada para o convento do Grilo, enquanto a nova, D. Teresa, linda amante do Rei, era recolhida em Santos, com todos os resguardos de uso para com as concubinas reais, à sombra do oiro e da religião, que abonava a todas elas, desde Inês de Pires até Justa Negrão, amásia de D. João IV que, feito rei, seguiu os hábitos dos chefes da sua raça real.

D. José, que visitava, fora de horas, a Távora nova, com grande perdão da Côrte, praticou o mesmo com ela, enquanto no cadafalso os ossos dos outros da mesma linhagem eram esmichados pela maça do carrasco e os seus nomes riscados do Livro de Oiro. Até o rio que corre lento e manso, por entre pe-

nhascos da Beira, e se denominava rio dos Távoras, passou a chamar-se rio da Morte.

Os fidalgos da família que viviam por êsse Reino além, D. Nuno, D. Manuel e D. João, vieram entre escoltas, de Évora e de Traz-os-Montes para o forte da Junqueira, como culpados de tal parentesco.

Os condes da Ribeira e de Óbidos, duas casas rivais noutras eras, depois unidas em amizade, foram acusadas de enviar um pedaço de pão, alguma mobília e uns parcos dinheiros à marquesa de Távora, a antiga vice-rainha da Índia, indigente antes da execução.

O marquês de Alorna, acusado de idéas filosóficas, ao que parece, e o conde de S. Lourenço, por valido do Infante D. Pedro, que, não foi possível condenar, do mesmo modo fôram encerrados na lúgubre fortaleza, sem processo e sem interrogatórios.

E era o termo de uma larga meditação de Pombal, o desejo do político hábil, a satisfazer-se. O Infante D. Pedro casara, a-pesar da má vontade do ministro, com a Princesa Real e êle sentira, desde logo, a necessidade de aniquilar êsse casal de inimigos. O conde de S. Lourenço, favorito do Infante, falava, um dia, com o Rei e, ao saber duma culpa do ministro, estranhara que ainda o conservasse ao seu serviço. Logo o Soberano respondera:

— «Sim, conservo-o porque por cada falta d'elle vocês commetteriam cem.»

Contra o marido da Princesa calou-se a fúria do marquês, que já se soltara contra os irmãos bastardos de D. José, na ânsia de governar sòzinho, êle, quási plebeu, alçado ao melhor lugar do trôno, obtido pela audácia.

As prisões escuras, na sua maioria com



## O BICHINHO DE CONTA

grades sólidas e negras, deitavam para um pátio triste, um pátio de presídio, silencioso, com rebentos de árvores velhas, o seu pôco sem ferragens e a sua taciturnidade agressiva.

Todos os cárceres tinham três portas, duas de madeira e uma de ferro e, mesmo de dia, era necessário, no que os dois Távoras ocupavam, acender luz, para se poder ler.

Quando ali entraram, as parêdes ressumavam; faziam-se buracos, com os dedos, nos tectos; gelava-se lá dentro e mal se podiam aquecer, pelo movimento, no âmbito estreito de sete passos que êles medem. Só alguns presos tinham mobília e isso valeu ao marquês de Alorna para, com uma porção de vinagre, guardado do jantar, distinguir os pés das cadeiras e compôr a tinta vermelhusca com que escreveu as suas memórias de prisão.

Os Távoras tiveram que construir, com barrotes, uma tarimba, mas daí a pouco eram separados, porque começava a época dos rigores. Em cima soava a gralhada dos guardas, com a bulha dos banquetes em casa do governador, até altas horas. Ouviam toques de cravo e de espineta, no gélido ambiente dos cárceres; em baixo, no cemitério e no lugar das torturas, que uma subida do solo tapou, faziam-se as tarefas misteriosas.

Na cozinha, instalada num canto, as mulheres brancas embebedavam-se com o produto do que roubavam às refeições dos presos, riam-se dêles, insultavam-nos, de sociedade com os carcereiros e só as moças negras espelhavam a pena nos seus olhares porque, decerto, sentiam a igualdade da escravidão.

Durante vinte anos não se alterou isto.



Cá fora, um novo terremoto abalava Lisboa, no dia dos anos da Rainha. A Companhia de Jesus era extinta. Sebastião José subia sempre em honrarias. Lá dentro via-se, de vez em quando, Francisco de Mendonça, com um sorriso dôce, a saber, do desembargador, notícias dos presos para as levar ao irmão; rugiam as frases caserneiras dos guardas e a eterna apóstrofe brutal do desembargador Pedro Gonçalves Cordeiro:

— Como vai essa canalha?!

Uma vez, Manuel de Távora bateu com os pratos na grade, a pedir que os lavassem e logo acudiu o vozeirão do carcereiro-mór, do magistrado que Pombal lá pusera de atalaia:

— Digam a êsse maroto que aqui não é tasca! . . .

Depois era um vigia, clamando, a ameaça-los de facadas, toda uma série de imprecações, de maus tratos, um ódio a manifestar-se, furiosamente, em tudo. Os presos, de véstes em farrapos, tiritavam de frio. Alorna pediu uns calções de camurça ou de tripe e riram-se dêle. Óbidos usava uma veste de lacaio, Ribeira um pobre capote e João de Távora foi obrigado a vestir umas cuécas do padre Estevão, por não ter calças.

Solicitavam socorros de suas casas e não vinham, como se os parentes temessem o braço do marquês, ou como se não chegassem a receber as notícias das suas desgraças.

A comida era inferior e mal cozinhada, servida em estanho por arear e davam-lhes o chá em latas enferrujadas, para semanas a fio; a carne vinha de Oeiras, por ser mais barata, e só lha forneciam salgada, assim

## O BICHINHO DE CONTA

como o peixe, enquanto o desembargador comia os melhores bocados, gastando três mil e duzentos por dia com o seu sustento. Os presos requeriam o médico e o confessor, e se acaso o primeiro vinha, ao segundo quasi não o viam.

As receitas não eram aviadas, as coisas da religião apenas sòsinhos as podiam praticar.

Manuel Ferreira, o médico, ordenou banhos aos condes de S. Lourenço e de Óbidos e ao marquês de Alorna.

Os carcer eiros riram; e, como se insistisse, deram ao descendente dos Menezes um barril de quarto, que servira a vinho, para se banhar, e ao Alorna uma velha celha desconjuntada.

Nunca mudavam a água que apodrecia.

Os jesuítas sofriam os mesmos rigores. Estiveram ali os padres Malagrida, João de Matos, José Moreira, Jacinto da Costa, Timóteo de Oliveira, homens que tinham sido confessores da Família Real e da maior nobreza.

Malagrida passava os dias de rastos, no cárcere húmido, dizendo-se em graça, alucinado, lançando ao acaso as suas reflexões de doido num livro a que chamava a História de Sant'Ana; lacrimoso, dizia não ser culpado e quando, após dois anos de cativo, o desembargador o interrogou, pela primeira vez, replicou-lhe, numa esperança de perdão, que sabia de tudo, e que até dera parte numa carta à camareira-mór, do perigo que o Rei corria. Pombal soubéra-o.

Encontrou a missiva entre os papéis do padre, tendo-lhe sido devolvida pela fidalga.  
—E era então cúmplice? perguntava, agi-

tando o seu rôlo de papel, que lhe foi tomado e entregue ao marquês.

Enviou-se aquella obra dum louco à Inquição, onde já dominava Paulo Carvalho, e o velho Malagrida saiu da Junqueira e foi queimado no Rossio, por hereje, tendo dito o ministro que, a não ser assim, sofreria a pena como regicida. O padre João de Matos tinha oitenta anos, cegou e endoideceu, atroava a casa com berros e as mulheres ouviam-no daquêlê pátio, sem piedade, a-pesar-de saberm como êle sofrera na casa dos tormentos; o conde de Óbidos tinha, também, por vezes, acessos de loucura. Fôra um supremo elegante como o marquês de Alorna que, ao ser prêso, estava nomeado embaixador em França, floreara galas na Côrte e, ao tempo, ali consumia a sua mocidade. Entrou aos 32 anos para o cárcere; só de lá saiu cinqüentão.

Os Távoras sofriam resignadamente, bem como o conde de S. Lourenço; Manuel de Távora escrevia um dicionário, o conde traçava a arte de educação de um príncipe. O primeiro recebera, dum guarda, papel e penas, em trôco dum candieiro de prata; o outro vendera alguma baixela. Nuno de Távora clamava como um possesso, ao saber do casamento da sua primogénita com o filho de Pombal, e sentia que só lhe confiscavam os bens para dotação do genro.

Por isso, João de Távora, quando o desembargador lhe veio falar, em nome de S. Ex.<sup>a</sup>, recordando a miséria que sofria com os seus e o enlace da sobrinha, declarou, aos berros, que não reconhecia o tratamento dêsse homem, insultou-o, pegou no braço do escrivão, dizendo-lhe que apontasse tudo aquilo



e o levasse ao marquês, como um libelo. Recolheu-se, rouco da gritaria e vermelho de indignação e ao repontar, da aurora, ao cabo de onze dias, conduziram-no ao segrêdo. O magistrado segurava uma mordação; o Távora foi algemado de pés e mãos e posto a pão e água. Nunca se soube o que lhe fizeram no mistério da casa sem comunicação. O fidalgo saiu dêsse cárcere com uma paralisia na lingua.

Os irmãos pediram para o acompanhar e só a Manuel isso foi consentido, sendo logo dobrados os ferrolhos das portas.

Os condes da Ribeira e de Óbidos agonizavam como os padres João de Matos e Moreira, que faleceram e fôram a enterrar, logo em seguida, no cemitério baixo, o que fez pensar ter sido algum dêles sepultado vivo!...

Estava, também, num dos cárceres o marquezinho de Gouveia, D. Martinho, filho do duque de Aveiro. O pai perecera no cada-falso de Belém e buscavam arrancar do filho alguns pormenores a mais da conspiração. Era uma criança que ainda fôra crescer para a prisão. Dizia-se ter o duque mandado degolar uma serva que ouvira algumas combinações da conjura e sabia-se ter sido isto confiado ao marquês de Pombal por certo frade Jerónimo, de Belém, ao qual o matador se confessara.

Não era lógico que o filho, uma criança, entrasse nas combinações, mas quando, naquela manhã de punição, se arrancou o duque de Aveiro do seu palácio, prenderam o seu sucessor; não o deixaram encher os bolsos de moedas, dizendo-lhe que não lhe faltaria coisa alguma. Gouveia até fome

passou, primeiro no Pátio dos Bichos, depois na prisão.

A obra de Pombal ia de vento em pôpa: a cidade renascia das cinzas do terramoto, o seu Rei dava-lhe plenos poderes; fundara uma sociedade vil. Ao claro, sem ver os seus processos, ela brilhava; no forte da Junqueira empalidecia porque lá metera, com os culpados, muitos inocentes.

Entre os fidalgos enclausurados no ergástulo encontrava-se D. Manuel de Sousa Calhariz, marido da princeza de Holstein.

Descendente do celebrado D. Francisco de Sousa, que fôra o quarto capitão da Guarda Alemã, provinha duma família nobilíssima que não desmerecia, em sangue, da espôsa que escolhera.

Parece que o nobre Calhariz tinha grandes ciumes de sua mulher e a tal ponto que se lhe atribuíra a morte de um tal Fernando da Costa que diziam requestador da dama.

Julga-se que estaria inocente dessa culpa amorosa a consorte do excitado cavaleiro. De outra vez correrá êle, de faca em punho, sôbre D. Henrique de Menezes, ao encontrá-lo de visita à princeza.

Não tinha sentimentos delicados; ardia em permanentes zelos, não sendo, porém, pundo-noroso na defeza da honra doutras senhoras.

Como Manuel de Saldanha tivesse deshonestado uma filha dos Cabedo, de Setúbal, êle, em vez de lhe aconselhar o casamento, insinuara-lhe que partisse para longe e a deixasse mal vista e repelida pela honesta família. O sedutor escapara-se para a Alemanha e a desditosa tornou-se a amante de D. Luis de Sousa, irmão do ruim conselheiro.

«Basta uma injustiça d'estas — escreveu um contemporâneo (1) — para Deus castigar a casa de Calhariz, como se tem visto.»

Quando do caso com o Menezes êste mandou-o desafiar para um duelo de morte e o contendor hesitou. A conselho dos primos Alegretes, seus parentes, foi dizer ao outro «que tivera aquella visão *depois de jantar*».

Como fôra grande o escândalo, o desafiador deixara Portugal para só regressar quando o marido da princeza de Holstein entrara no forte da Junqueira, acusado de cumplicidade com os autores do atentado contra El-Rei D. José.

Continuara sempre em desconfianças da espôsa e tanto que tentou matá-la, tendo ela escapado por uma influência alheia.

Quizera que «uma bebida d'agua forte» fôsse o instrumento do fatal destino da Princeza mas «D. Anna de Moscoso empenhou todo o valimento que tinha no coração e no espírito de Manuel» (2) para salvar a vida da acuzada.

Êste fidalgo, de tam arrebatado génio e de tanta reflexão, ao mesmo tempo, devia ser um singularíssimo impulsivo. Certamente criticara as atitudes do primeiro ministro ou atreveu-se a verberar o procedimento do Soberano e, daí, a sua entrada no cárcere onde vivia alucinadamente. Era duma grande religiosidade e negavam-lhe o auxílio dum padre para lhe amenizar os remorsos de seus actos, dos seus erros, das tentativas criminosas.

Enfuriara-se, a dentro das grades, debaixo

---

(1 e 2) Fr. João de S. Joseph — *Memorias*.



das abóbadas salitrosas e das parêdes, que resumavam humidades dum esverdinhado e nojoso visco. O rival, D. Henrique de Menezes, ao sabê-lo prêso, deixara a França e, entrando na religião, chegaria a monsenhor da Patriarcal. Ele, porém, devia ignorar tudo quanto se passava além das muralhas de pedra contra as quais batiam as águas do Tejo. Devorava-se no horror da escuridão e quando a enfermidade o acometeu a sua voz ergueu-se, a solicitar um confessor.

Que lhe dessem um eclesiástico para aliviar os horrores de seu espírito conturbado. Pedia tal mercê, em transes agônicos, lembrando-se das suas más acções, implorando a absolvição.

Deixavam-no extenuar-se nos brados em que punha todo o desespero duma alma aflita; recusavam-lhe a assistência, tam encarecidamente desejada, e quando chegara a hora dolorida do seu fim, ao sentir-se perto da morte, o que fôra o galhardo e volúvel fidalgo, ensimesmara-se no recondito do seu coração e sentira-se muito culpado.

Debalde teimava em que lhe mandassem um padre para o ouvir; e, na extremidade, entrevendo, além das grades, o soldado da guarda, principiara a confessar-lhe as suas culpas, todos os seus dislates, erros, delitos e crimes, que o moço ouvia, pasnado pelo tom horrível e pelo que julgava a loucura dêsse grande senhor.

Tudo êle dissera, na voz mais alta que conseguira achar na sua hora de moribundo: os ciumes pela mulher, as tentativas de assassinio, o veneno e aquêlê conselho dado ao sedutor da filha dos Cabedos, a-fim-de a tor-

## O BICHINHO DE CONTA

nar concubina do apaixonado D. Luís de Sousa. Contára tudo, decerto, pois sem isso não se compreenderia a confissão feita à sentinela aterrorisada.

Junto das grades da lôbrega masmorra, o moribundo, de grandes barbas, a cabeleira hirsuta, lívido, contorcendo-se, ia narrando as suas culpas que a única testemunha de tanta desdita escutava espavorida.

Após esta confissão a um pobre militar, que o vigiava, o descendente dos comandantes da Guarda Real Alemã deu mais uma volta no subterrâneo e morreu sôbre o seu leito, já roído de vermina, sem receber o menor socorro religioso nem outro consôlo além dêsse desabafo com que a si próprio se punia, em busca da salvação da sua alma arrebatada.

Castigava Deus a casa de Calhariz?





## SEGUNDO QUADRO

### O AMBIENTE DA CÔRTE

**E**M 1776, depois de Março, vestiam a gar-  
nacha de escolares, no Colégio dos  
Nobres, duas crianças que uma tragé-  
dia política já separava, a-pesar das  
suas minguadas idades, mas que um tremendo  
drama de coração mais ainda viria encher de  
cóleras, dilacerando aquelas almas tenras, num  
ódio profundíssimo.

Um dos rapazes era D. José Maria de  
Daun <sup>(1)</sup>, filho do onnipotente conde de Oei-  
ras, o segundo da familia a quem coubera  
*Dom* porque ao manequim coroado, que seu  
pai dirigia cousa alguma era impossivel. O  
outro chamava-se D. Alexandre Domingos de  
Sousa e corria-lhe nas veias sangue real.

Seu avô reinara no grã-ducado de Hols-  
tein; sua mãe, a princesa D. Mariana Leopol-  
dina, soubera, pouco antes, da morte do mari-  
do, D. Manuel de Sousa, o fidalgo do Calha-  
riz, que nas voltas da conspiração do duque

(1) Foi depois conde da Redinha.



## O BICHINHO DE CONTA

de Aveiro — como se chamara ao disparo dos tiros contra o Rei — fôra prêso pela vontade suprema do ministro valido.

Corria de bôca em bôca, baixinho, como o desgraçado, à falta de confessor, sentindo-se nas crises da agonia, dissera os seus peccados, baforando-os, com os restos de vida, à sentinela, pávidamente parada, no corredor do forte da Junqueira.

Quando o corpo do fidalgo caíra desamparado, com estrondo, nos lagêdos, o soldado recomeçara a sua marcha, cheio de terror, sentindo atrás da porta aquêle cadáver a esfriar.

Dois dos seus filhos tinham sido levados, com segura escolta, para o castelo de Outão, onde as vagas batiam e ali se fôram definhando as suas mocidades, durante quinze anos para um e dezoito para outro.

Dentro em pouco o filho do ministro devia sair do Colégio dos Nobres, por umas férias da Páscoa, para escutar na quinta de Oeiras a doutrinação paterna acêrca de um negócio vantajoso em que, também, o procurava imolar. O filho da vítima encontrava, de novo, nêsse período, e em companhia de D. Rodrigo de Sousa Coutinho (1), seu condiscípulo e seu confidente, os olhos negros e queridos da menina que amava desde os mais tenros anos da sua infância.

Tinham-se conhecido quási no bêrço D. Alexandre de Sousa (2) e D. Isabel Juliana de Sousa Coutinho. A grande casa do Calhariz possuía a quinta vasta onde ambos brincavam

---

(1) Mais tarde conde de Linhares,

(2) Sucessor da casa de Sanfré, no Piemonte, e pai do primeiro duque de Palmela.

por entre os festões de buxo verdejante, ao lado do seu primo D. Rodrigo, todo afeito aos caprichos daquelas almas infantis, em que o amor devia despontar com uma intensidade sem igual, mesmo nas mais românticas paixões.

Nascidos um para o outro só a morte os poderia desunir. São pouco as vontades da terra ante as que, como esta, por sublimes, tocam o céu.

Ela era uma trigueirinha magra, de cabelos negros e encanudados, um narizito fino a boquinha vermelha, mas o queixo era forte, voluntarioso e rijo, a-pesar da covinha gracil que lhe quebrava a dureza. Nos olhos languidos passavam faúlhas vivas e o seu corpinho magro e esbelto movia-se como o de uma ave inquieta e nervosa, quando andava jogando e rindo, escondendo-se nos bosques de murta, a acenar, depois de descoberta, com os deditos longos e esfusiados.

Não havia prazer maior para ela que descer da casa dos Paím, para os portões do Calhariz e ir brincar, tardes inteiras, em correrias. Julgava, talvez, nessa época, que seria sempre assim tamanina e calma. Imaginava a vida como um florido caminho risonho, não compreendendo os verões queimando as flôres que a primavera mostra surpreendentes e os outônos varejam depois, antes que os invernos as levem, nos seus vendavais, para o mistério.

Já não tinha mãe; fenecera cedo como uma planta caseira às tormentas que vinham de fóra. O pai era um casquilho, homem de prazer e aventura, querendo mais não se incomodar do que a luta, cuidando, quási comovi-

## O BICHINHO DE CONTA

damente, dos seus arrebiques, das suas jóias, das modas, da última frase corrida na Côte de França, vendo tudo através do seu prazer e habituado a um mundo diferente daquêlê onde se enterrava a família que deixara: a avó da menina, D. Antónia de Menezes, a tia, D. Leonor de Portugal, que passavam a vida rodeadas de escravas negras, sôbre esteiras ou ajoelhando junto dos oratórios floridos.

Ele, experimentava, nos salões de Versailles, os saltos vermelhos e altos dos seus sapatos, nas danças e reverências de pé atrás.

Eram inteiramente de uma sociedade diversa. O embaixador do Rei D. José, junto de Luís XV, deixara-se prender naquela existência de requinte e de intriga em que as cortesãs brincavam às rainhas e os sacerdotes se faziam poetas. O pó perfumado da Côte semi-herética, cheia de mundanismo, na qual já se apagara a lembrança de Maintenon, hirta, e onde reinava a Pompadour magnífica, parecia tê-lo deslumbrado nas miragens dos amores em cadeirinhas douradas, nos formosos embarques para Cythera, em galeões afestoados de perpétuas do esquecimento, como se, ao navegar em tão doces mares, atravessasse o Lethes e só em alegrias se desvanecesse.

Ali era a maravilha de um gôso sem igual em que se cantam o espírito e a graça, onde a beleza já não precisava de pergaminhos para dominar no Paço, criando a igualdade, ante os dotes do corpo, como Luís XIV a gerara em presença das galas do espírito.

Molière ceava viandas delicadas com o Rei Sol, sendo filho de um criado; a Pompadour andava nas caleças riais, tendo guardado patos nos campos, a tsnar a sua linda pele.



Era um reinado de pós aromáticos e de *trous-trous* de sêda e a isso se habituara o homem que pertencia a um país em que se decretara o *briche* para trajar, a cozinha estava ainda nas empanzinadelas do tempo de D. Pedro II, e o amor ia gerando um eterno remorso por ser perfumado de incenso.

Lá havia a Bastilha, não aquêle monstro de pedra que os rudes revolucionários de 93 chamariam o ninho do despotismo, mas um castelo inteiramente diferente, onde a nobreza trinchava aves recheadas de trufas, em salas guarnecidas de damasco, comendo à custa do erário o que poupava nos solares de que a desterravam. Em Portugal existia o forte da Junqueira, de parêdes salitrosas, entre as quais agonisavam os maiores fidalgos do Reino e até crianças, como o marquezinho de Gouveia, filho do duque de Aveiro.

Não havia um valido real despótico nos palácios régios onde os cortezãos mandavam; bem diversa era a politica e o Soberano differia do que governava o país, em que o Rei babujava as belezas da Côrte, mandando, depois, moer com maças de ferro as tíbias e as costelas dos maridos e dos pais, ao mesmo tempo que um fidalgote, alçado até à mordomia-mór, dispunha do sceptro como de um cacête sob o qual jugulava todas as cabeças.

Melhores ares eram os de França. D. Vicente de Sousa Coutinho devia achar a sua pátria tão bárbara como a dos persas que, nessa época, visitaram o galante Luís XV.

Receava que um dia o mandassem recolher a esta terra onde as mais soberbas casas vestiam de luto e os seus rebentos comiam em sujos pratos de estanho, o produto do cru-

## O BICHINHO DE CONTA

zado que o Rei dispensava para seu sustento nas cadeias.

Como um viajante delicado que o vendaval, passando ao longe, arrepia e faz sonhar com horrores, assim êle sentia zunir, além dos Pirinéus, essa tempestade medonha que tudo devastava, acelerada pelo valido, junto ao trôno, sôbre o qual um príncipe complacente ia passando, em prazeres e medos, os melhores anos da sua vida.

Sem dúvida perturbava-se à ideia de voltar a essa eterna marcha de igreja para igreja ou de novena para novena, nas quais apenas se ouvia o batucar das contas dos rosários e as notícias terríveis, lidas em segrêdo, e vindas dos cárceres.

Nem cadeirinhas de mistério, nem galhardias galantes, nem mais subtilezas, nem os seios velados das belas ao defrontarem os padres que já não acreditavam em melhor Deus que o da Côrte. Em vez de palácios maravilhosos, as barracas de madeira, com medo de que os terremotos demolissem os grandes edificios elevados para os gosos; em lugar das caçadas régias, em que se corriam os veados, com os seus regabofes estranhos de sangueira e de excitação, os tiros banais das coutadas de Salvaterra. E os bailes?!... E a música?!... E as mulheres?!...

Decididamente, D. Vicente de Sousa Coutinho, embaixador, em França, o pai da gentil e formosa D. Juliana, não desejava voltar para Portugal e não poderia, também, recusar-se a obedecer ao que o valido rial lhe mandasse, porque se era rico bastante para comprar aquêle fausto, não o seria amanhã, se acaso o conde de Oeiras assim o decidisse.

E bem opulenta de grandes amanhos de terras e extensões de herdades, de pedrarias e propriedades, de haveres largos era a casa de Paim, com seu solar de séculos e suas riquezas avultadas.

Mas também eram ricos os duques de Aveiro, quási tanto, senão mais que o Rei, e o seu chefe acabara descalço, moído às pancadas, num patíbulo, sem sequer se lhe respeitarem as cinzas.

Não. O embaixador preferia Versailles, e os cortezãos; beijar a mão à Pompadour, remirar-se garboso nos espelhos altos e em ver os jogos de águas, num séquito de pagens e numa revoada de louras espirituosas, arrimadas aos bastões altos, rindo, a mostrar, garridas e provocantes, os sinaisinhos das faces.

Por isso, quando depois daquela Páscoa, em que o conde de Oeiras, se fechara com o filho, num segrêdo de bom futuro, mandara pedir ao embaixador a mão da pequena D. Juliana para o segundo génito da sua casa, êle nem pensou em recusar, não fôsse o soberano senhor de todos os destinos dos vassallos, mandá-lo largar as credenciais e as voluptuosidades, trocando-lhas por algum castelo eregido junto das águas agitadas.

Para demais, D. Antónia de Meneses, pegada às suas devoções e ao âmbito do palácio gradeado, onde o carmelita descalço, frei Manuel de São Boaventura, levava os recados do ministro, já acedera ao consórcio da neta. No seu ânimo religioso calavam bem as palavras do monge, a dizer-lhe, decerto, do amparo magnífico que lhe destinavam, desde que fôsse nora do conde de Oeiras.

Dos grandes haveres da casa, dessa riqueza



## O BICHINHO DE CONTA

enorme, sabia êle, porque várias vezes se detenhara sôbre os livros pergaminhados onde se amontoavam cifras, vira as contas dos feitores, os réditos das quintas, dos moios sôbre moios de trigos e fóros, das barras de ouro, e das pedrarias; de nobreza também êle conhecia como eram magnificos rebentos os Paim; porém, Deus estava tanto pelo lado de Sebastião José de Carvalho e Melo que iluminara o ânimo de El-Rei, tornando-o seu inspirador, e tanto o aumentara em honras e fazendas, em grandezas e apanágios, que já quási não havia maior fidalgo no Reino.

O que eram os outros, na Côrte?!... O duque de Aveiro fôra mordomo-mór, e o marquês de Távora vice-rei da Índia, mas já nem da poeira dos seus ossos se sabia; D. João de Bragança — parente do Monarca — que devia ser duque de Lafões, andava no exílio, servindo os estranhos; o de Cadaval, submetido, lisonjeava o valido; o de Tancos guardava os prisioneiros na fortaleza de Belem.

Estes eram os Óbidos, Alorna, Ribeira, S. Lourenço, Gouveia, os últimos da raça de Távora, D. João, D. Manuel, D. Nuno, despojados dos seus galões, os frades, os desembarcadores, os antigos coronéis, os confessores, os conselheiros.

O marquês das Minas adorava o amigo de D. José; o marquês de Marialva, êsse mesmo, recolhera-se ao seu palácio. E os que restavam, desde os dois meninos de Palhavã ao Patriarca de Lisboa, não se curvaram ou não se submeteram, não fôram convivas dos banquetes do valido?

A velha dama ouvia-o, passando as contas, sentindo que, na verdade, seria loucura dispu-

tar ainda sôbre aquela aliança em extremo vantajosa. Queria descer tranquilamente à sepultura e para isso não precisava mais do que rezar, viver até ao fim no seu oratório, não contrariando homens nem santos, prêsa na sua ansiedade do céu.

Devia folgar, jubiloso, o confessor, quando às tardes despejava no ouvido cabeludo do ministro as disposições de D. Antónia de Menezes e grande devia ser o contentamento do conde ao vêr tam bem encaminhada a pretensão. A legítima era enorme, soberba a linhagem, muito nova e bonita a noiva e, embora o filho tivesse só catorze anos e a pequena fidalga quinze, o consórcio far-se-ia porque nessas idades ainda não há reflexão. Ele, chegado ao fastígio, por um golpe de sorte, tendo dominado a nobreza e sendo um árbitro, talharia à larga, na fazenda dos aterrorizados, para o esplendor da sua casa.

Um dos filhos já tinha o morgadio soberbo sustentado com habilidades e manhas; o outro ia arrumar-se com semelhante casamento; os que lhe ficavam, de igual modo os casaria.

Fez então uma visita à velha senhora, no seu palácio, do qual era visinho<sup>(1)</sup>. Subiu as escadas atapetadas e curvateando vénias diante da devota, naturalmente lhe foi expondo o que se devia realizar.

Saíra a recebê-lo D. Leonor de Portugal, a tia de D. Isabel e entre as duas senhoras e o ministro se pactuara o combinado com o frade, aquilo que D. Vicente de Sousa Cou-

(1) Na antiga rua do Arco do Marquês um palácio à direita, que converge para o lado de Academia das Ciências e que faz esquina para a travessa do Convento da Conceição.

tinho, todo enredado nas suas visões feiticeiras da Côrte de França, recebia doidamente, como uma honra, a assegurar-lhe a eterna residência em Paris, entre as voluptuosidades adoradas.

Uma, a idosa avó, via-se já mais livre para poder entregar-se a Deus nas recônditas práticas da sua capela, enfeitada e cheia de rosas; a outra, imaginava-se alçada no ânimo do déspota, luzindo-se na Côrte, sendo sua parente, vendo a seus pés damas de maior estirpe.

Mais fidalgas?! Acaso isso valia alguma cousa?!

A duqueza de Aveiro era criada das freiras no convento do Rato e ela, que tantas vezes atraíra os olhares, por sua beleza e graça, a mulher do primeiro gentil-homem do Reino, a quem chamavam o Soberbo, via-se obrigada a varrer os quartos e a despejar os vasos secretos das monjas, a trôco duns sapatos de atilhos; a condessa de Atouguia passava pelas mesmas desesperantes humilhações, a Távora, tão orgulhosa, morrera no cada-falso, a pequena de Alorna era entre grades que se fazia mulher, e no mosteiro de Santos até a amante do Rei, a Távora nova, se definhava. Não havia mais nada em Portugal do que a aliança com o valido.

Contasse Sua Excelência com o seu auxílio, ante tamanha honra... E para quando o casamento?!...

Deixou-lhes a escolha do dia; saltou para a sége, ouviu-se um tropear de cavalaria e grande foi a surpresa de D. Leonor quando, reentrando afogueada, no quarto da sobrinha, a noticiar-lhe o pedido para o filho do conde



de Oeiras, a viu na sua frente, muito pálida, os olhos fulgurantes, o queixo voluntarioso, decidido:

— Mas eu não caso com êle! . . .

O que?! Pois seria possível?! . . . Menina tão nova e tão louquinha! . . . Julgava a pobre, que resistiria assim, ao valido . . .?! Êle devastava tudo, vencia sempre, era tanto como o Rei ou mais . . .

Por aqueles corredores azulejados do palácio dos Paim, a tia foi, naturalmente, trinando a sua risadinha nervosa, como se ouvisse um rouxinol desafiando um leão.

Ora não havia . . .?! . . Não queria casar?! Mas que idéa faria da Côrte essa tontinha, do poder, dos conventos com suas grades, das torturas que esperavam quem resistisse às vontades do ministro?! . . .

De súbito, recordou-se dos males que dali podiam advir à sua casa, à velha avó, ao embaixador, a ela pessoalmente.

Havia exemplos, sem fim, em todos os cárceres cheios, em todos os patíbulos, nos quais sofriam e se esquartejavam, não só os culpados mas até os seus parentes.

Decerto o sarcástico riso se lhe coalhou nos lábios, e se na noite anterior sonhara em ostentar galas e louçanias na Côrte, na que ia seguir-se não teria tão agradáveis visões.

Porque?! Porque não queria aquela tonta casar-se?! . .

Dentro do seu quarto, com certeza chorando as suas primeiras lágrimas de mulher, D. Isabel, responder-lhe-ia com a fé jurada, com o amor ardente da sua alma ao companheiro de infância, ao seu amiguinho dos folgedos, por entre as grandes ruas de buxo

da quinta do Calhariz, com tudo quanto dissera a quem amava. E quanto maior se tornava agora a sua paixão desde as palavras da tia, ante a idéa de a destinarem a outro!

E quem era êsse?!...

O filho do homem que encarcerara na Junqueira e lá fizera morrer o pai do seu escolhido.

Nunca!... Nunca!... Nunca!...

Porém, que poderia ela, pobresita, com os seus quinze anos, e rodeada de gente subjugada, contra o ministro que tudo fazia tremer à sua volta?

Que podia ela?!...

Muito; tanto, como um insectosinho metendo-se no seu novelo, dentro da tromba vasta dum elefante e fazendo-o enlouquecer, ao despedaçá-la furiosamente, contra as árvores.

D. Isabel Juliana de Sousa Coutinho seria uma sublime teimosa. O Conde de Oeiras, tornado marquês de Pombal, dar-lhe-ia, nos momentos da sua cólera formidável, a alcunha singular: o *Bichinho de Conta*.





## TERCEIRO QUADRO

# A TRISTE NOIVA

**E**NTERNECIDAMENTE chorava nos braços de D. Leonor de Portugal a virgem sacrificada, quando aquela voltou com a sua insistência, não já pela ambiciosa ânsia de florear na Côrte, mas por medo.

Adivinham-se os seus pudores de donzela, ao contar, por fim de muito rogada, as razões do seu desespero; e viriam, num rosário de dôres e de lágrimas, as pequeninas coisas do seu enorme amor. Como êle nascera, mal o poderia dizer e melhor do que os seus lábios puros o saberiam narrar as moitas floridas da quinta do Calhariz, onde brincara com a criança que a si mesma prometera para noivo, toda aquela vida em comum, jogando às escondidas, sentindo-se prêsa nas delicadezas que lhe votava ao vê-la afogueada, contá-lo-iam as suas vontades, sempre satisfeitas; os seus mais pequenos desejos, logo cumpridos, por um pagem obediente, como se fôsse duma pequenina rainha.

Aquilo durava havia tanto tempo e des-



pertara sem ela mal o saber; surgira como as flôres novas nas árvores e como o sol apparecia em todos os dias de bom tempo para as iluminar. Fôra uma atracção irresistível que a ligara; uma fôrça singular dominando-a, sobretudo ao sabê-lo infeliz, tendo o pai encarcerado, a mãe isolada na quinta de Santarém, os irmãos guardados no castelo vizinho do mar. E quem tudo isso realizara, quem fôra o causador de toda aquella desgraça, apparecia a querê-la na sua família, prêsa para sempre, obrigada a renunciar, a jámais ver o homem adorado!

— Não . . . Ela não podia! . . .

Mas a fidalga não comprehendera aquella estranha maneira de amar. Já era idosa e conhecedora do mundo; sabia que tudo se doma, mesmo as maiores rebeldias, quando o mando é forte e poderoso, tenaz, absoluto, como o do valido real que a desejava para nora.

— Pobre criança! — Ela nem sabia o que estava dizendo!

Impotentemente buscara convencê-la; em cóleras a deixara, talvez imaginando-se já num cárcere como os grandes fidalgos que continuavam nas cadeias, embora os anos fôsem galgando.

O Conde de Oeiras, para demais, devia contar, como realizada, aquella sua ordem; tinham-no enchido de largas esperanças, de certezas e, fatalmente, devia ser terrível a explosão da sua raiva.

A avó tivera que deixar os seus santos, largara o oratório, para acorrer, trôpega, com a sua touca de rendas e o ar severo de quem mandava, aos quartos da neta, firmíssima na sua determinação.

Ouvira as mesmas palavras as mesmas queixas escutara; mas, como na sua idade maiores são os receios do contacto com o mundo, ela, não habituada às contrariedades, chegara à violência da ameaça para dali a pouco soluçar na amargura da súplica.

— Que havia de dizer àquele colosso quando êle viesse saber a data do noivado, olhando-a através da sua luneta de cabo e fazendo tilintar, com os seus passos, os pingentes de cristal dos grandes lustres do palácio?! . . .

Mas que desculpa dar a quem fazia moer nos cadafalsos os ossos dos maiores fidalgos do Reino e encarcerava a nobreza quando lhe era hóstil?! . . . Que havia ela de dizer?! . . .

Por fim, enviara-lhe o capelão, frei Manuel de S. Boaventura, imaginando-o de eloquência mais persuasiva do que a sua para aquela alma juvenil e apaixonada.

Topara a mesma resistência, desta vez sem lágrimas e sem gemidos, uma cólera fria, sêca, pertinaz, soberba até, uma vozita que queria engrossar, para dizer:

— Não . . . não . . . não . . .

Em todo o caso, esperavam rendê-la, submeter a sua rebeldia com os processos de toda a espécie, o engano, as promessas, as ameaças, os terrores. Foi inabalável e por fim, êle, acabara por lhe mostrar o irremediável, tendo-a ali, naquêle quarto do palácio, fechada e à sua mercê.

Já constava na Côrte o enlace. José Francisco de Carvalho e Daun era noivo. Saíra do Colégio dos Nobres; começara a arvorar galas, felicitado, decerto, pela boa sorte que lhe chegava em tão grada fortuna e nobreza

## O BICHINHO DE CONTA

e em tão belos olhos duma donzela à qual iria apertar nos braços.

Ela ainda apelara para o pai, como se dirigem para Deus as últimas súplicas de quem já não confia no mundo.

Isso devia cair naquêle ânimo como uma saraivada num rozeiral. Se o apanhara numa ida para Versailles, sentiria molestado o seu rosto e indignar-se-ia com a filha, que vinha trazer uma preocupação à sua alma, no momento mais precioso da sua vida; se acaso era uma mulher que o esperava, aquela queixa passaria como uma nuvem, lá ao longe, no céu que êle não via; mas ainda que fôsse numa hora de calma para si, devia horrorizar-se à idéa de que o valido real podia, mal o contrariassem, tirar-lhe o seu posto e os seus bens.

Se resposta obteve, fôram de bons conselhos de obediência as suas palavras.

D. Isabel Juliana estava condenada àquele casamento. Ninguém mais a poderia salvar. Ao dizer a frei S. Boaventura como esperava a resposta do embaixador em França, retorquira-lhe que já viera, clara e franca, e dali não haveria mais nada a aguardar.

Fôra até mais activo no ataque; tomara-se de uma grande severidade para a convencer da ineficácia de semelhante teimosia.

Com a sua argúcia de frade mostrou-lhe, um por um, os argumentos, como no patíbulo o algoz fizera brilhar os instrumentos de tortura aos olhos dos condenados de Belém. Evocara o poderio do conde, a grandeza do Reino a seus pés e desde que quisesse obedecer-lhe teria tudo, desde o deslumbramento das jóias, ao florir de esperanças. E se adre-



gou falar-lhe do noivo que escolhera, sem dúvida, notou toda a horrível situação da sua família, logo mal vista na Côrte, os castigos sofridos e que recairiam sôbre ela.

Pois a tudo isso resistira:

— Não, não e não! . . .

O conde de Oeiras, quando soube da perseverante negativa da ambicionada nora, julgara aquilo como uma birra e mandara apressar os preparos do enlace.

Estava-se em Março . . . Pois Isabel Juliana seria espôsa do filho dêle, antes que se murchassem as últimas rosas de Abril.

O namorado D. Alexandre, se notícias tinha da amada, era as que andavam de bôca em bôca na Côrte, nos adros de conventos e soalheiros da cidade, ou então as que D. Rodrigo lhe vinha trazer, com o ânimo estranhamente perturbado. Efectivamente, estava noiva doutro, do filho do ministro onnipotente, do mesmo que dera a morte a seus nobres parentes. Ninguém, a não ser Deus, poderia obstar a tal enlace. Êle bem sabia que o valido era o árbitro de todas as existências portuguesas.

Decerto, no fundo de alma tão atribulada, o rancor chegou ao paroxismo; a raiva subiu em formidável éco de imprecações e de prantos, em lágrimas das que parecem queimar os olhos quando galgam como candente lava do vulcão da cólera abrigada num peito onde ferve a ânsia vingativa. Mas era muito novo; uma criança igual à noiva tão amada. Parava ante as suas janelas de grades, suspiroso e alanceado.

Isabel Juliana também procuraria o seu vulto na viela sombria para onde defrontavam

as vistas do seu quarto e, aiando, toda chorosa, ouvia, mais do que nunca, em rancor, a voz untuosa do capelão, a dizer-lhe como Manuel de Sousa, do Calhariz, deliberara fazer-se cavaleiro de Malta, oferecendo-se à Ordem, visto ela casar-se com outro. Porque, não tivesse dúvida... aquêlê casamento ia fazer-se...

Seria assim, podia imaginar, mesmo, que já casara... Mas, ficava-o sabendo, ela queria entrar num convento...

O frade, aflito, detivera-se, a encará-la estupefacto. Na sua falinha tolhida de desesperos, a sacrificada acrescentava que não ia para Deus porque a chamasse a isso a sua vocação, mas só para fazer sofrer quem tanto a contrariava.

Os parentes sentiriam um remorso eterno, ao sabê-la freira, dedicada ao Senhor, embora estalasse de saúdades. Não seria de outro homem. Queriam uma vítima? Íam tê-la completa, queimada em holocausto ao seu amor!

Freira, sim! A avó havia de chorar tanto como ela em pranto se desfazia!... E aquêlê homem poderoso que entrava nas casas, fazendo tremer os móveis com os seus passos de colosso, compreenderia como uma mulher frustrava as suas ambições.

Depois, indignara-se contra o pai que a vendia para sua tranquilidade; soluçara numa reza pela alma de sua mãe, deixando-a entregue a medrosos, trémulos diante dum estranho que parecia ter enfeitado o Rei.

O freire mostrara-lhe a obediência, dissera os perigos que a família correria se não aceitasse o consórcio, apontara-lhe o noivo castigado e, no fim, achara o grande argumento



«E' UM bichinho de conta que me  
quer deter os passos.»

(Tradição dum dito do Marquês  
de Pombal).





que a entontecia. De olhos abertos ante a luz imaginava-se despenhada na treva.

Se o conde de Oeiras suspeitasse das razões que a dominavam para tal recusa, infligiria mais dores a D. Alexandre de Sousa, já mais despegado dela, ante o irremediável. Até professava em Malta. A sua ida para um convento não o salvaria, porque êle ainda não partira e eram tam dilatadas as fronteiras do Reino como longo o braço do valido.

Parecera-lhe segura a fôrma que encontrara. A virgem, daí por diante, só pensou em poupar o amado e tornar-se num corpo inerte. Porém, no fundo da sua alma voluntariosa, o plano já se estabelecera. Seria noiva, mas a mais singular de todas as que chegavam aos altares.

Activavam-se os preparativos do consórcio. José Francisco de Carvalho Daun dentro em breve estaria casado com uma das mais ricas herdeiras de Portugal. O ministro de D. José apenas viu a sua vontade satisfeita e o lucro daquela aliança.









## QUARTO QUADRO

### NÚPCIAS ESTRANHAS

**C**HEGARA Abril e preparava-se a capela da residência para o enlace. Também num Maio, havia dezoito anos, o pai daquela mártir casara, entre pompas e alegrias, na capela do sítio do Grilo, onde residia a noiva, D. Tereza Vidal da Câmara, filha de Luís Gonçalves da Câmara, senhor do morgado da Taipa, alcaide-mór, de Torres Vedras, comendador de Cazével, Caldelas e Vila Boa de Quires, e de D. Isabel Libania de Mendonça. Vicente Roque José de Menezes Monteiro Paím e Sousa pouco tempo disfrutara a sua felicidade. Ficara-lhe a filha, tam tamanina que até a esquecerá, a ponto de a imolar às vontades ambiciosas, para não destruir o seu gôzo de viver em França e curvatear louçanias diante das damas.

Agora viera para o palácio da rua do Arco o estado do noivo e também o seu preceptor Lamberto de Bonis, que seria o vigilante conselheiro; o guarda roupa António

José, o escudeiro Joaquim Marques, com outros criados que assistiam ao acto compungidos, bem como as servas de D. Isabel, à frente das quais Constança, a criada grave, debalde procurava conter os soluços, ao ver a sua menina, mais alva que o vestido de noivado, prestes a desfalecer, ajoelhada diante do altar, sem mesmo erguer para Deus os seus olhos magoados.

Tinha-se feito uma cerimónia íntima, assás diferente daquelas em que o valido do Rei aparecia. Faziam-se pompas em redor; as rosas de Abril sangravam sôbre os altares, nos seus vasos de oiro, espargindo perfumes; os parentes estavam ali, mal sabendo o drama a que assistiam e o carmelita, no seu hábito branco, conhecedor do sacrilégio a cometer, aparecia paramentado para o realizar, satisfazendo assim as idéas do amo a quem obedecia, desprezando a consciência, querendo apenas vencê-la.

Enchera-se de cristais ricos a meza da sala de jantar; fidalgos palreiros, padres e damas da familia assistiam à cerimónia, esperando um sorriso do conde de Oeiras, cada vez mais grave, olhando-os através da sua luneta de cabo.

Quando o padre perguntou se a união se fazia de boa vontade, não recebeu dos lábios da noiva nem um suspiro. Todo inclinado fingiu ouvir a afirmativa e quando ela teve a coragem de se erguer e começou a caminhar, pela mão do marido, os que se achegaram, a dar-lhe os parabens, as senhoras, ao beijarem-na, também pasmaram mas, receosas, calaram-se, ao evocarem o sorriso gelado dos seus lábios, a tortura lida no seu olhar.

Acabadas as festas, Isabel Juliana devia recolher à câmara nupcial.

Lisboa adormecera; ela ia velar. Mandava à Constança que estendesse, no chão, a sua cama e essa noite de casamento passou-a vestida, sob as mantas, enquanto José Francisco, aterrado, levando à conta de pudor o que o era, mas ainda acicatado pelo desespero, debalde procurava ouvir dos seus lábios uma palavra.

Os grandes olhos abertos, sêcos de febre, a cabeça alanceada de horrores, a noiva do filho do valido real, pensou no amado que, doido de paixão, ela bem o soubera, partiria, dentro em poucas horas, para o seu retiro de Malta. Foi uma noite em claro para aquelas duas crianças, unidas à força. Outras se seguiram e, por fim, ela informara o espôso juvenil da idéa de jámais se lhe entregar. Isabel Juliana gozou uma dessas vinganças de mulher que se doara ternamente a um homem e a quem obrigavam a ligar-se a outro.

Toda a gente na casa viu o seu sorriso triunfal e o aspecto carregado do marido que nem um beijo colhera na sua boca virginal. Passaram as noites, até ao clarear da manhã, abatidos e esfriando-se; ela, no propósito de se defender; êle, na cólera de não a possuir. Já se segredava, baixinho, entre a criada-gem, a teima da menina em não se entregar ao espôso. Quando a tia se aproximava dela devia ouvir uma risada sarcástica; nas horas em que a avó a compelia à obediência só veria o terrível lume dos seus olhos e o carmelita, se pensou em doutriná-la alguma coisa de mais estranho devia sentir na maneira por que a noiva o encarava, culpando-o.



## O BICHINHO DE CONTA

Deixaram-lhe na cama apenas um colchão para que nêle tivessem que dormir ambos; proibiram as criadas de obedecer às suas ordens, mas Isabel Juliana metia-se nos seus trajos de noite, dentro dum lençol, atado como uma mortalha, com os cuidados que nem a deixavam adormecer e ficava numa beira da cama, enquanto o marido dormia na outra. Era num grande leito torneado, com um baldaquino de damasco, que o drama se passava.

Recolhiam-se ambos, no escuro; êle quedava-se, no seu canto; ela ficava de sono leve, decidida a repeli-lo, naturalmente imaginando o que seria a vida do outro, do querido, naquela lonjura da ilha onde se fizera cavaleiro, bem afastado de Lisboa que adormecia cedo, sôbre as ruínas do terramoto, com as prisões atulhadas de fidalgos, onde tudo se segredava e já não se ouvia nem o tinir das espadas, em rixas, como nos tempos de D. João V.

Apenas cães vadios, remexendo nos monturos, ladravam ao luar ou alguma campainha de Viático retinia. De quando em quando a grave ronda, deixava um vago rumor de passos e depois, no abrir da madrugada, alteravam-se sons de cornetas para as bandas do abarracamento de Peniche. O primeiro tropel dos machos dos almocreves e hortelões e os sinos tilintando, ruidosamente, no ar azul da cidade, marcavam o despertar.

Mais noites decorreram e ela sempre virgem e êle já a ser fábula das criadas, da Côrte, da rua.

Jurara; havia de cumprir. Ou mulher de D. Alexandre de Sousa ou de mais ninguém. José Francisco de Carvalho Daun sentia co-

rar as faces de vergonha cada vez que saía do quarto de casado e as servas entravam para bater os colchões ou mudar as roupas.

No meio daquela vastidão levantava-se uma linha, a barreira erguida entre os seus corpos encovados nas beiras do leito. Já decorrera o tempo; o inverno ia chegar.

Em coisa alguma se mudava o parecer da espôsa para com êle; em cousa alguma se alterara o aspecto daquela cama de casados na qual o mesmo alto, feito de lã, forrada de alvíssimo linho, era a fronteira da enorme repugnância da virgem pelo marido que lhe tinham dado.

Não se falava doutra coisa; viam-se sorrisos quando êles passavam na sége para casa do conde de Oeiras; cochichava-se o ridículo daquêle rapaz que ia crescendo, dormia todas as noites no leito de uma linda mulher e se levantava sem ter roçado sequer os seus lábios na fronte de belesa que era sua, diante do Estado e da Igreja.

O ministro acabara por saber como a noiva resistia; sentira o seu orgulho também ferido, porque o grotesco o salpicava, e então, batendo o pé, numa cólera em que refervia toda a sua rancorosa derrota, exclamara:

— Mas que é isto?!... Eu faço tudo quanto quero?... Que é isto?!... Então embarga-me o caminho êste *bichinho de conta*?!

E era bem um bichinho de conta enovelado na sua pertinácia, teimando, fixando-se na sua vontade, sorrindo às invectivas, desdenhando das ameaças, firmando-se na negativa. A exclamação, saída dos lábios do conde de Oeiras, não fôra afortunada; correra da família para as salas onde o detestavam e nas seroadas das casas fidalgas, quási todas de

## O BICHINHO DE CONTA

luto, quando se tratava baixinho dos presos da Junqueira, evocando-se as almas puras dos Távoras sacrificados, as mulheres sentiam-se vingadas por uma criança e, passando nos dedos as contas dos rosários, pediam a Deus para alimentar eternamente semelhante coragem que fazia ressumar o picaresco sôbre o vulto terrível do algoz nobilitado.

Elevava-o em honrarias o Rei. Nomeara-o marquês de Pombal, dera-lhe senhorios, erguera-o quási até ao trôno em cuja sombra reinava, mas num palácio vetusto, visinho do seu, havia uma noiva que, negando-se ao filho do tirano, o tornava ridículo.

Podia esmagar a altivez dos nobres, reduzi-los a cinza, nos patíbulos, passar à sua frente nas festas pomposas, mas não se salvava da troça, não obtinha, a-pezar do seu poder, aquela submissão, a derrota da criança, um beijo apenas dos seus lábios para o marido, que, à fôrça, lhe impuzera.

As carícias que as noivas concedem, púdicas e apaixonadas, aos homens escolhidos pelo seu coração, aquela recusava-as, teimosamente, por que jámais sentiria amor pelo espôso.

Era sacrificada; ela sacrificaria os outros.

Oh! aquêlê *bichinho de conta!* Aquela linda e heróica rapariga tinha, no franzino do seu corpo, toda a energia da raça... Oh! o adorável *bichinho de conta!*

O Marquês de Pombal, batendo os seus passos raivosos, e impondo se, decidira aniquilá-la. A pobre Isabel Juliana!... Que ia ser ela nas mãos do colosso?...

E imaginou-se, então, um bichinho de conta vencido por um vendaval.





## QUINTO QUADRO

# A RECLUSA DE SANTA JOANA

**C**OM o tempo, assim decorrido, alçapremara-se também a cólera de José Francisco contra a espôsa. Desistira de a ter ligada ao seu destino; já nem saíam na mesma carruagem e as suas súplicas, agora, eram todas para a liberdade.

Chegara aos dezassete anos; com o tempo viera-lhe o raciocínio, a razão esclarecera-se-lhe. Não podia mais aturar aquela zoadada em volta, nem a vida em comum com a mulher angélica de rosto, que o lançava num inferno de desesperos.

Espionava, nas caras, o que se pensava; compreendia como até os escravos eram mais felizes do que êle, filho do marquês de Pombal, do valido de D. José I.

Ao mesmo tempo a vingança devia fazer o seu ninho no despeito que enchia o seu coração. Já pensara em desligar-se daquêlê cárcere terrível em que se magoava a sua

## O BICHINHO DE CONTA

carne, aspirando gozos e o seu orgulho sofrendo vexames. Decerto haveria condenação para ela. E à medida que ia sabendo — tanto como D. Isabel Juliana — os aumentos que D. Alexandre de Sousa soubera colher para a sua casa, devia pensar, também, como já-mais se poderiam unir, embora anulassem o casamento que o jungia.

O rival deixara a Ordem de Malta e fôra ao Piemonte tomar posse da pingue herança do marquês de Isnardi, parente de sua mãe e que era conde de Sanfrè. O seu sangue, real pelos Holsteins, tinha agora, um apanágio digno, mas não poderia validá-lo em Portugal onde os irmãos jaziam ainda nos cárceres de Outão.

Ele que viesse! . . . Que se atrevesse! . . .

O marquês de Pombal ouvindo os queixumes do filho, na sua casa de Ajuda ou nos vãos, na avenida da quinta de Oeiras, compreendeu como uma frágil mulher quebrara a legenda do seu querer sem entraves.

Riam-se dêle, à socapa, e isso devia ser a maior fonte do seu desespêro.

A fortuna da noiva do filho não viera para opulentar uma prole impossível de se gerar diante daquela irreductível vontade e, como só isso cobiçara, decidira, duma vez para sempre, vencê-la, não lhe deixando mais esperança nem um óbulo da riqueza para seus gozos futuros.

Pediui, para Roma, a anulação do casamento, baseando-se na firmeza da noiva em negar ao marido o que o seu dever lhe impunha e, ao mesmo tempo, ia tratando de achar mortificação para aquela alma rebelde.

Apareceu ao Rei, narrando-lhe o facto e

pedindo um exemplar castigo para quem lhe desobedecia. Obteve a ordem para fazê-la entrar no convento de Santa Joana.

Quando disseram a D. Isabel Juliana a sorte que a esperava, encheu-se de júbilo o o seu coração, sempre apaixonado.

Preferia a vida na clausura, embora apertada, o acto de professar sem sentir vocação religiosa, a essa quotidiana existência ao lado do espôso odiado.

A tudo se sujeitara, mas com alvoroço. Dispôs-se a juntar as suas súplicas desnecessárias à ordem que lhe chegava, Ficaria bem melhor no mosteiro, onde sempre encontraria desabafo—mas fazendo saber ao homem da sua paixão como lhe causara pena e por sua causa sofria; como aguardava uma hora para o ver—mal os tempos mudassem—embora fôsse velhinha e mirrada, mas eternamente fiel. Não se comovera com os últimos rogos da avó e da tia, pasmadas de semelhante grandeza de amor, perturbadas, no receio das fortalezas e conventos para onde o ministro costumava enviar quem lhe desagradava.

O frade carmelita levou-a na sége, apeou; bateu à porta do mosteiro. A espôsa rebelde, e como tal tratada, defrontou-se com o rôsto severo da abadessa.

Só então a soube irmã do marquês de Pombal, mulher de tão terrível ânimo e nomeada, quanto o irmão era despótico nos mesmos actos da existência.

Portas a dentro do mosteiro dispunha como uma rainha absoluta. Não se atreviam com seus propósitos os visitantes da Ordem, receosos dos castigos que Sebastião José saberia ordenar para quem o contrariasse.



## O BICHINHO DE CONTA

Entregava-lhe as rebeldes que desejava fenecidas; às suas mãos iam ter: ou debaixo de escolta, ou sob a guarda de padres submissos, as almas que era necessário torturar.

D. Maria de Mendonça juntava avareza à secura de coração; sabia tirar avultados rendimentos dos dotes que lhe entregavam com as suas noviças. Era uma carcereira mascarada em monja e jámais em mosteiro da idade média houvera tantos rigores para as religiosas como ali, pois a clausura não passava duma sucursal das salas lóbregas do Santo Ofício onde se feriam mais terrivelmente os espíritos do que nos patibulos se despedaçavam os corpos. Foi êsse o martírio escolhido para a que deixara de ser esposa do sobrinho da abadessa.

Êle seguiu para a Universidade, livre de peias, aguardando a hora de novo enlace; ela ficava ali, sucumbindo aos poucos, mal tendo com que passar as suas amarguradas horas.

Vigiada, constantemente, não podia mandar dizer ao estremecido D. Alexandre que o seu coração nunca o esquecera, tampouco como guardara para êle a flôr da sua virgindade.

Consumia-se em rezas e jejuns, já não buscavam convencê-la a amar o outro, mas retalhavam-lhe o espírito, pelo prazer da vingança. O ridículo de que cobrira a família pagava-o com seus sofrimentos; uma a uma lhe iam arrancando as ilusões dum futuro feliz. Não gozava de uma esperança, nem na oração achava penso para as úlceras do seu espírito, torturado nos amargos castigos que lhe davam.

Vinham os dias de sol e para ela a treva

era eterna; decorriam os meses e via sempre os mesmos rostos na sua frente, impassíveis e severos; não conseguira abrandecer, ao menos, um coração; não tinha uma amiga, não lhe chegava um consôlo.

Naquêlê convento terrível não se faziam outeiros nem consoadas; quem lá entrava sepultava-se em vida e a mortalha era o hábito de noviça, no qual encobria a sua carne rebelde, que não se quizera oferecer aos beijos do marido.

Mas não ficava ahí a vingança de Pombal. O resto da existência acaba-la-ia entre grades, e pensava que o ouro, fugido dos seus cofres, também não lhe caberia em herança, porque arranajara o processo de a desherdar.

Consentira que o filho andasse em louçanias por Coimbra, a esquecer-se dos horrores passados. Encarregava-se de o tornar tímido e de ensinar, mais uma vez, à nobreza, que não se resistia às suas vontades.

O *bichinho de conta* teria a sua cela e o caldo aguado, por sustento, quebrando-lhe no rôsto as graças, e amarfanhando-lhe o corpo que a outro pensara dedicar. O que êle não poderia fazer — o monstro — era tirar do seu coração a imagem do noivo adorado.

Nem um só real da sua grande fortuna passaria para as suas mãos torturantes da vaidade de José Francisco de Carvalho e Daun. Em França, o embaixador do Rei, ia obedecer-lhe, e aí dêle se não o fizesse. Então escreveu-lhe; narrou-lhe tudo quanto se passara, explicando-lhe quanto sentia o procedimento de sua filha. O diplomata devia ler as ameaças nas entrelinhas.

As visões da sua fortuna sequestrada, da comodidade perdida para sempre na magnífica cõrte de Versailles, em troca do cárcere, tudo isto actuou no seu ânimo, e quando o marquês de Pombal lhe deu o conselho de casar, Vicente Roque José de Menezes Monteiro Paím e Sousa tratou logo de obter uma noiva entre as lindas mulheres palatinas.

Falhava-lhe a vontade, todavia; não porque buscasse resistir, como a filha, mas pela liberdade amada, por aquela vida de paixão em paixão, nos jardins do Rei de França, nas noites de festa em que buscava conquistar as belezas esquivas.

Viera, ao cabo da demora, curta, mas perempória, a ordem em nome de El-Rei. Não havia disfarces. No intuito de desherdar Isabel Juliana, pela sua rebeldia imperdoável, êle passava, sem delonga, a novo casamento.

Dai a meses o embaixador de Portugal era noivo e logo a seguir marido de mademoiselle de Canillac. O marquês de Pombal rejubilou, tempo depois, quando teve a noticia de que nascera um filho a êsse par unido pela sua vontade (!). O *bichinho de conta*, daquela hora em diante, só teria a terra por abrigo.

Havia a juntar às torturas sofridas pela apaixonada de D. Alexandre de Sousa a fôrma como a avó se lhe referia no requerimento dirigido a El-Rei, acêrca do consórcio e do desejo que tinha de a punir.

D. Maria Antónia de S. Boaventura e Menezes, tam dada aos livros sacros, imolava a neta, medrosamente, ou ferida pela funda irri-

---

(!) Êsse filho foi marquês de Santa Iria.



tação da sua desobediência. Queria-a antes prostituída a um amor legalizado, com vantagens para a família, do que virgem, recusando a entrega do seu corpo, preferindo o cárcere à infâmia.

Escrevera, a douda e religiosa dama:

«Tendo seu filho D. Vicente de Sousa Coutinho a certa e infeliz noticia que se tratava de annular o matrimonio que havia contrahido sua filha, D. Izabel Juliana de Sousa com José Francisco de Carvalho e Daun, filho dos marquezes de Pombal, e reconhecendo que a nulidade do dito matrimonio foi originada pelo perverso animo da dita sua filha, ordenou á supplicante, em carta de 22 de junho do presente anno, que, declarado nulo o dito matrimonio, supplicasse de V. M. a graça de mandar recolher a dita sua indigna filha e neta da supplicante em um convento, por toda a vida, com prohibição de fallar a pessoa alguma de fóra do mesmo convento. E porque se acha effectivamente declarado nulo o mesmo matrimonio, por sentença dos juizes apostolicos para esse effeito nomeados pelo Santo Padre, com inconsolavel e perpetuo desgosto da supplicante, e de seu filho: recorre, a mesma supplicante, em seu nome e do dito seu filho, a V. M., para que, por sua sensata piedade, se digne ordenar que a dita sua neta seja logo transportada do convento de Santa Joanna, onde interinamente foi recolhida, para um remoto convento de apertadissima reclusão, qual a V. M. parecer que ahi fique por toda a vida reclusa, com prohibição de fallar ou de communicar com pessoa alguma, externa ou verbalmente, ou por escripto e que as-

## O BICHINHO DE CONTA

sim se lhe intime e à prelada do mesmo convento para que não lhe permitta communicação alguma, sob pena de incorrer no real desagrado de V. M.»

Sôbre a desditosa caíam todas as culpas. Tinham-na querido pervertida. Má espôsa, ligada a um homem detestado, D. Isabel Juliana recolheria todos os benefícios das honrarias e da fortuna; à sua passagem as cabeças inclinadas não veriam o vulto da que se vendera e ao seu amor, numa obediência ao tirano, à familia, à vontade esmagadora dos corações, mas sim a figura da grande dama, espôsa do filho do potentado, da que preferiria a um amor de alma a honra de se tornar a nora do primeiro ministro de D. José.

Valido do Rei, poderosíssimo, habituado a vencer, uma onipotência sôbre todos os vassallos do Soberano, que, por sua vez, parecia o seu mais humilde súbdito, Sebastião José de Carvalho decretara, esperando que se cumprisse. Nunca imaginara semelhante teima dum pequenita sem fôrça, minguada, sòsinha no mundo e à qual a avó, uma senhora tam religiosa, continuava a acusar, como se fôsse uma perdida:

«Pede a V. M. se digne, por sua real piedade, remediar a triste situação da supplicante e seu filho com a providencia que implorara, que ainda é deminuto castigo o que merece a perversa indole da dita sua indigna neta e limitada satisfação ao pezar com que a supplicante e o dito seu filho, vêem desfazer uma alliança em que tanto interessavam a sua descendencia.»

## O BICHINHO DE CONTA

Mais uma vez, o favorito, devia impetrar do Monarca um alto favor de vingança contra a desvalida e desamparada menina que ousara resistir-lhe.

Achavam pouco severo o convento de Santa Joana e não se encontrou em todo o Reino clausura mais digna da que se considerava uma réproba do que o Calvário, de Evora, onde ela ia continuar nas suas desditas, mas sem abater o ânimo, resistente e teimoso, esperando sempre da sua constância uma doce recompensa para o seu forte amor.

Ao medo inspirado pelo dominante estadista juntava-se o pasmo da família da persistente, ante a sua audácia, bem pouco em uzo, naquela época, sobretudo em pessoa tam frágil quanto parecia ser aquela moreninha franzina, de olhos castanhos e cabelos negros, a quem o ministro chamava o *bichinho de conta*.

É que, infeliz, mesmo na cela do convento, para onde a tinham lançado, levantava a cabeça orgulhosa ante os castigos, para só baixá-la na presença dos altares de Deus, em cuja justiça acreditava, numa certeza da sua fé.

Era pura; era digna; sentira-se fascinada por um homem, o único que soubera fazer vibrar o seu coração; entregavam-na a outro, queriam-na espôsa dêste, a mentir-lhe, hora a hora, a dar-lhe beijos que sentia roubados ao bem-amado e, na sua cólera, defendendo-se, sabia não poder ser mal vista pelo Altíssimo.

A enclausurada tinha confiança na Providência.



## O BICHINHO DE CONTA

Negavam-lhe todas as convivências, conversas, contactos; vigiavam-na, para que não escrevesse; não consentiam a menor saída das suas servas; prendiam-na, a fim de a fazerem sofrer e para que sentisse como era difícil resistir à vontade poderosa do pai do marido que lhe tinham dado.

Decorreu o primeiro ano, sem que se lhe alterassem as disposições.

Estava bem longe de suplicar aos carascos.

Não tinha as mínimas notícias do homem que tanto amava; porém, resistia, mostrava-se inflexível.

Do mesmo modo procedeu, até ao terceiro ano da sua reclusão.

Vivia no convento como no fundo dum poço lóbrego onde não chegassem os ruídos da sociedade.

Apenas rezava e, humilde ante as imagens, apresentava-se confiante.

Só tinha a seu lado pessoas indiferentes ou atalaias.

As freiras ou eram fanáticas ou fantasmas, de corações amortalhados na desesperança. Ela continuava a acreditar na graça divina.

Mais vinte e três meses se passaram, sem que lhe afrouxassem as tendências para o sacrificio.

Deixar-se-ia morrer mais depressa do que pactuar. Quereriam vê-la de rastos, humilhada, pedindo, não o casamento, já desfeito, mas a benevolência dos algozes. Retorquia-lhes com o sofrimento que lhe macerava o rosto moreninho mas lhe avigorava a alma de aço, no seu peito lealíssimo.

## O BICHINHO DE CONTA

Não haviam de vê-la prostrada, não daria tais gozos à família, que a repelira e a encarcerara, à avó devota, à tia subordinada, ao pai peralvilho e cobarde e, menos ainda, supplicaria ao Rei ou ao seu favorito um pouquinho de piedade para a sua dôr, uma melhor cela ou um maior contacto com o mundo.

Implacávelmente resistia; confiadamente esperava, o *bichinho de conta* que afrontara a cólera sanguinária do marquês de Pombal.









## SEXTO QUADRO

# A RONDA DOS ESPECTROS

**M**ORRERA El-Rei D. José. O seu valido appareceu na audiência da Rainha, passado o luto de recolhimento, e ella mostrou-lhe as últimas vontades que o pai lhe deixara para cumprir, como a dizer-lhe bem não se ter, sequer, lembrado do seu nome.

No fim, apontando com o dedo branco e esguio, mostrava-lhe estas duas recomendações:

— «Que não esqueçam os meus criados, aquêles, sobretudo, que me serviram com mais zelo e fidelidade.»

O ministro não era o servo. O amo olvidara-o, não sucedendo o mesmo para com as vítimas de ambos.

— «Que se perdôe aos criminosos de Estado que julgar dignos da sua clemencia. Enquanto á offensa de que se tornaram culpados para com a minha pessoa, eu já lhes perdoei para obter as indulgencias de Deus.»

Era necessário o perdão e o secretário de

Estado bem o viu ali, claramente expresso, por esse Rei de quem fôra o senhor e que, na hora da morte, lhe escapara, levado pela sua mão descarnada, quando era a dêle, ainda viril, que o devia guiar.

O povo começou a agitar-se à vista dos condenados que saíam dos cárceres; impudentemente o favorito do finado continuava a desempenhar as funções do seu cargo e ia ao Paço, atravessava as salas, grave, de luto, sem um desvio.

O primeiro encarcerado que se restituiu à liberdade foi o bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação. Apresentava-se com umas barbas enormes, embranquecidas na cadeia; mal se podia ter de pé e dois criados o seguravam; nos olhos, brilhantes de febre, adivinhava-se o horror. De quando em quando, cerrava-os, não podendo suportar a luz. A Rainha recebera-o nos braços, amparara-o, ajoelhara-se para lhe beijar a mão; o Rei também se prostrara diante do prelado, ordenando que coisa alguma se poupasse para o seu restabelecimento e rápido olvido do que sofrera.

Esquecer! Como se podia ver o sol sem pensar, em frémios de terror, na treva?!

O conde de S. Lourenço, D. João de Noronha, que fôra inteligente, vinha mui triste; emagrecera, parecia sempre sobressaltado, como se ouvisse ainda os carcereiros brutais e o bater dos ferros. Não pudera ficar no regalo da família, no seu belo palácio de Santo Amaro; corra a meter-se no convento das Necessidades, a passar os dias na bibliotéca dos frades e a pedir uma cela. Lá o encontraria Bocage quando o mandaram para o recolhimento, em doutrinação.

O conselheiro António Freire de Andrade Encerrabodes, que o poderoso ministro detestara sempre, desde o começo da sua carreira diplomática, também aparecia como uma ruína, mas o que despertava piedade sem par, num clamor ouvido no Paço, era o filho do duque de Aveiro.

D. Martinho de Mascarenhas, que nunca pôde uzar, comquanto lhe pertencessem, os títulos de conde de Santa Cruz, marquês de Gouveia e duque de Aveiro, era pequenito quando se dera o atentado em que culparam o pai.

Tinham-no encerrado num mosteiro, após a sua estada na Junqueira. Guardaram-no os frades, que, receosos do ministro, não o tinham deixado gozar nem de uma vaga liberdade. Muito tempo esteve essa criança encarcerada, vivendo de jejuns e rezas no seu cárcere; entre os monges cresceu, virtualmente a eles se afez; das suas bôcas cautelosas, dizendo a medo, aprenderia o delito do pai, toda a tragédia da sua casa queimada, o chão salgado, sôbre o qual se edificara o patíbulo, para jámais se poder construir ali, em tempo algum.

Era agora um mancebo, pálido e tímido, com alguma coisa de ascético na fisionomia. Guardava nos olhos um brilho de alucinação e, ao verem-no assim, diziam que sem pecar sofrera, lhe tinham tirado tudo quanto lhe devia caber: a herança enorme dos seus, legada ao tesouro real.

Aquêlê Gaspar de Melo, que outróra andava na sége do valido e fôra enclausurado, ao evocar o urso ministerial, passando ao som dos tambores, nas ruas de Belém, também surgiu com a cabeça toda branca, abatido,



não se parecendo já em coisa alguma com o cavalheiro aprumado que tanto figurara em Lisboa.

Depois vieram para a luz, cegos pelos seus deslumbramentos, indo a habituar-se, pouco a pouco, aos seus raios, entre os braços carinhosos de parentes, radiantes de felicidade, os outros, a legião.

Eram D. Francisco de Portugal, filho do marquês de Valença, os que tanto auxiliaram o ministro nos seus comêços difíceis; o padre Diogo da Câmara, cujo tio, marquês da Ribeira, morrera na prisão; os reverendos João de Noronha, da casa dos Arcos, e Timóteo de Oliveira, antigo confessor da Rainha.

Dezoito anos tinham sofrido nos segrêdos, e mais ainda lá estariam se Deus tivesse prolongado a vida do Rei que tanto obedecia ao valido, aterrado, medroso, deixando-o proceder.

Outros, a-pesar do pêso dos ferros, não queriam sair das cadeias, sem que justiça lhes fôsse feita; pediam para ser julgados segundo as leis do Reino, como a talentosa marquesa de Alorna, D. João Gaspar, D. Manuel e D. Nuno de Távora, brilhantes oficiais, cujo apelido os condenara àquêle suplicio. Mas chegavam mais oitocentos e tantos dos presos, indivíduos de todas as classes, gente que vinha para a rua mostrar, com os corpos abatidos, os pulsos arroxeados pelas correntes, os cabelos alvacentos e os olhos meio perdidos, o seu ódio profundo a quem tanto mal lhes fizera.

E do exílio apareciam outros, os que tinham podido resistir, ou aquêles a quem Pombal não se atrevera a tocar por serem

muito chegados ao coração do Rei. E entre êles, ilustre pelas guerras, celebrizado pelo galanteio nas côrtes da Europa, chegava D. João de Bragança, a quem, finalmente, se dava o título do duque de Lafões.

Reentravam na Côrte, mas os seus males deviam ter recompensas que não eram mais do que vagos benefícios que nem fariam sorrir os agraciados.

D. Miguel de Melo recebeu as honras de duque de Cadaval; o conde de Vidigueira passou a marquês de Niza; a D. José de Portugal nomeou-se conde de Lumiães, e a Salvador Correia de Sá, neto do conquistador de Angola, doou-se a regalia do viscondado de Assêca, como a D. António de Almeida (Lavradio) se fez conde de Avintes, a D. Pedro de Almeida, conde de Assumar, a D. Francisco Furtado de Mendonça, conde de Barbacena. Os filhos dos grandes fidalgos condes de S. Paio e de S. Lourenço, de S. Miguel, de Rezende, de Redondo, de Vila Nova, de Val-de-Flor e o visconde de Cerveira, herdaram os títulos de seus pais. D. Fernando de Melo foi secretário-mór; D. Filipe de Sousa Calhariz, que tanto sofrera, passou a capitão da Guarda Real. Entregavam-se comendas aos marqueses de Marialva, Alvito, conde de Vimieiro, a D. José da Câmara, ao irmão do conde de Rezende, e nomeações de gentis-homens aos marqueses de Penalva e de Niza, aos condes de Cantanhede, Arcos, Atalaia e Val-de-Reis. Depois elevava-se o conde da Ponte a mordomo-mór do Rei. Mas aquilo, no fim de tudo, era uma ronda de espectros que avançava com as suas sombras desditosas, narrando os horrores do martírio.

Nunca, nem mesmo em Roma, quando se abriam os ergástulos, chegara tão alto a piedade, a convulsa fúria da vingança, a raiva, e jámais se ouviram nas ruas tantos clamores contra um déspota.

Irmanavam-se, naquela dôr colossal, o povo e a nobreza; os fidalgos contavam o que tinham sofrido. iam falando, sob os grandes tetos apainelados, no calor dos fogões, para onde os chegavam carinhosamente, e em volta, com os seus lindos rostos a empalidecer de emoção, as mulheres da nobreza ouviam-nos, benzendo-se, ante a vista turbada dos capelães, que passavam nos dedos as contas grossas dos rosários.

Diziam das suas entradas nos cárceres húmidos, sem luz, cheirando a bafio, de paredes viscosas onde as lesmas subiam; relembravam as tarimbas, os carceceiros brutais zombando da sua desgraça, a comida que lhes davam, cheirando a azêdo e confeccionada com ranço; a falta de assistência religiosa, mesmo para os moribundos, e o fim trágico daquêle D. Manuel Calhariz, nos transees da agonia, confessando-se, em voz alta, à sentinela aturdida que se paralizava no corredor negro do seu cárcere; os dias a passar, sem confôrto, e a noção do tempo perdida, para de novo a retomarem quando lhes liam alguma ordem datada.

Contavam tudo quanto tinham padecido naquêles subterrâneos negros, imaginando o que seriam as festas, as Páscoas com os seus folares e a benção dos sacerdotes sobre as lareiras onde se cozia o bôlo sabroso que se ia comer molhado em lágrimas; os Natais nos seus solares provincianos,



com a neve caindo e lobos uivando ao longe, ao passo que as velhas mães rezavam pelos filhos desaparecidos.

As vozes tinham toadas lúgubres e, como para se descansarem as gargantas enrouquecidas nos desagasalhos das prisões, não se ouvíam mais do que soluços e o bater das contas umas contra as outras, desfiadas pelas mãos trémulas dos fiéis.

Aquilo passava de casa em casa e a parentela saía do palácio da Ribeira para o de Óbidos, de S. Lourenço para o de Alorna, escutando sempre as mesmas amarguras, acabando no mesmo desabafo.

O marquês dormia na sua casa, na calçada da Ajuda, talvez sem o remorso.

Os sacerdotes contavam, também, os seus desesperos, as almas alanceadas por não poderem dizer as suas missas, praticar o seu mister, sustentados como perros, num canil, com a miséria a pungi-los, sem roupas nas camas formadas de tábuas, junto aos muros molhados e a insolência dos desembargadores que os visitavam com os lenços de rendas nos narizes, ante o cheiro de estrebaria dos seus cárceres repletos de sujidades. Fôra sempre assim, durante anos a fio, numa galgada de amarguras tam grandes, tanto maiores quanto eram largas as horas nêles passadas.

Depois, no momento da liberdade, o seu terror de que os mandassem para piores fossos; a apavorada visão de Deus lhes dar vida, quando apeteçiam a morte.

Em volta dos fogões, naquêles cantos fi-dalgos dos palácios, apenas se ouvia:

— Oh! o tirano! . . .

## O BICHINHO DE CONTA

Os do povo, gritavam nas ruas, relembrando os desalentos que tinham encontrado nos lares onde a sua falta se fizera sentir; as ruas novas que desconheciam; as montureiras do terremoto, que não se tinham removido; as pessoas que passavam junto dêles, sem os conhecerem! Tudo disperso, tudo perdido!

Se tinham vegetado anos a fio no fundo dos cárceres, quando amavam o ar livre, a vida sôlta, ganhando o pão dos seus!

Mas uma vez passada a ronda, viera o meirinho ou o espião e ei-los soterrados, durante eternidades, as barbas enormes, os cabelos crescidos como os das mulheres e tão grandes, que lhes chegavam às cinturas. Êstes não gritavam; soltavam urros e pediam a morte dos carrascos! . . .

Apareciam, ainda, os freis, os desterrados; gente de todas as camadas. Misturavam-se os seus brados, expunham-se razões. Ecoara no País um brado clamoroso:

Oh! o tirano! o tirano! o tirano! . . .

Começavam a evidenciar-se os homens, como o Coxo das Aguas Livres, que juntava gente em volta, ao falar do marquês, e todos os que tinham tremido, chorado, sofrido um abalo, por mais leve, barafustavam contra o algoz. Os espectros começavam a aparecer na Côrte.

Os que não tinham saído totalmente arruinados dos cárceres, vestiam as galas e iam tomar conta dos cargos, guardando, todos, uma certa gravidade — o traço das prisões, a marca do isolamento — outros, os que não podiam mover-se, como o bispo de Coimbra, recolhiam a algum canto da província, onde recordavam as suas dôres.

Ô conde de S. Lourenço, fôra cultivar as musas e os cravos para o claustro em que o sol batia, a aquecê-lo.

Pombal, subindo as escadas do Paço, encontrava, às vezes, os que mandara encarcerar, e êles, com os parentes e afins, voltavam-lhe as costas, avançavam de mão erguida para aquêlê gigante encanecido, de rosto refogado, mas ainda hercúleo.

Desde a sua casa da Ajuda até ao Paço êle ía sempre entre a escolta que o Rei lhe dera, dentro da sége, mirando através das lunetas de cabo, sobranceiro, ouvindo o costumado tropel. À portinhola galopava o capitão Filipe Xavier Nápoles, na vanguarda o tenente, ao meio do esquadrão o alferes José Joaquim de Oliveira e Silva.

A guarda formava, êle apeava-se. Por vezes seguia-o o oficial da sua secretaria, José Basílio, com a pasta dos despachos; outras era o correio Vicente António que a levava; e assim entrava nas salas, sereno como no passado, diante dos archeiros especados.

Mas um dia o povo borrara de lama o medalhão em que a sua figura ressaía no bronze, aos pés da estátua eqüestre; as falácias continuaram e a Rainha, ao vê-lo longe da demissão, fazendo a sua tarefa, tirara-lhe o cargo de superintendente da Fazenda.

Em alguns dias encheram-se as secretarias de memoriais, recordando serviços que não tinham sido remunerados e feitos por pessoas de todas as qualidades. Não pagando e garantidos pela fôrça, como sucedera a Pombal, todos encheriam o erário.

Limpou-se o medalhão do retrato, mas a cantaria da estátua tornou a aparecer suja;



## O BICHINHO DE CONTA

puzeram-se guardas para a defender, porém, o povolêu juntava-se e clamava.

D. Maria I insinuou ao antigo valido real que pedisse a demissão. Só assim êle se despojou. Recolheu-se à sua casa da Ajuda, rasgando papéis, disposto a entregar a secretaria. Mandaram-lhe dizer que solicitasse licença para se retirar da Côrte, indo residir na sua terra de Pombal. Era o fim. Então tremeu. Êle mesmo confessaria como fôra cheio de sobresaltos o caminho do exílio.

Pela primeira vez sentira a ronda dos espectros, aquêles que a gerara.

D. Isabel Juliana soubera esperar confiadamente. Tudo preferira, a esquecer o seu amor. Aguardava de Deus uma recompensa para a sua paixão da alma, cheia de pureza e de fé. E teve-a, bem melhor do que se atrevera a sonhar, na hora em que o tirano caiu, quando D. José deixou de existir.

O noivo voltou do Piemonte, a tempo de ver os desditosos saídos das cadeias e de beijar os irmãos libertos. Soubera, da fidelidade que lhe guardara a criança tão amada. Foi vê-la à grade do convento de Évora e, daí a meses, na capela onde o paí, tão acobardado, se casara, em 1750, com a filha dos Câmaras, ela unia-se ao homem idolatrado. D. Isabel Juliana de Sousa Coutinho era a espôsa de D. Alexandre de Sousa Holstein, o fidalgo herdeiro do condado de Sanfrè e da casa de Calhariz.

No reinado de D. José I, a única resistência à tirania marcou-a a donzela que, pelo seu amor, venceu o despotismo.

Pombal já arranjara para o filho um partido de boa nobreza e haveres.

Casara-o com D. Francisca de Paula do Populo de Lorena, filha de Nuno Gaspar de Lorena e D. Inácia da Silveira cujo pai era o conde de Sarzedas, António Luís de Távora, que regressara riquíssimo dos seus govêrnos de Minas, Goyaz e Mato Grosso.

Eis como o marquês de Pombal conseguiu ligar o seu sangue ao dos Távoras, trucidados no cadafalso de Belém.

Não se lhe resistia. Todos receavam as torturas, menos a adorável criança que soubera teimar.

Sofreu muito, mas venceu-o o teimoso *bichinho de conta* (1).

Conseguira enraivecer e desprezar quem via todos de rastos. Não tivera receio dos seus colmilhos rubros e das suas garras de aço onde tudo se despedaçava menos a paixão duma virgem, como a afirmar que o amor é tudo e o resto apenas sobressaltos de almas incapazes de se temperarem numa dôr.

Os políticos submetiam-se, chorando, ou debatendo-se, em ferros.

O amor passava triunfalmente na capela de D. Gastão da Câmara, toda de galas, ao som do órgão, sob o olhar de Deus.



(1) D. Isabel Juliana foi a mãe do primeiro duque de Palmela.

Com este episódio termina a presente série de

## OS GRANDES AMORES DE PORTUGAL.

O autor foi buscar ao seu documentado livro POMBAL, PUPILO DOS JESUITAS, algumas páginas, aqui e além renovadas, para a narrativa desta parte da obra, à qual, num futuro próximo, talvez após a publicação das

## LEGENDAS DE PORTUGAL,

haverá a juntar mais casos de amores célebres, como fôram os de

*A Ribeirinha,*  
*As mulheres de D. Manuel I,*  
*A amada de Bernardim,*  
*Sóror Feliciano de Milão,*  
*A paixão da Távora,*  
*As amantes de D. Miguel,*

etc., etc.

Quanto aos

## HERÓIS, SANTOS E MÁRTIRES DA PÁTRIA

também se lhes poderão agregar mais algumas dramáticas evocações, como as das grandes figuras de

*D. Duarte de Menezes,*  
*D. Francisco de Almeida,*  
*O Rei do Pegú,*  
*O conde de Vila Flor,*  
*Castelo Melhor,*  
*Bernardim Freire,*

etc., etc.

E' crível que a Colecção «História» venha a ter a sua segunda série, tanto a Empresa se desvaneceu com e êxito da que finalisa com os quadros do presente volume.







